

JEAN-FRANÇOIS PRADEAU (org.), *Platon: les formes intelligibles*, (col. Débats philosophiques), Paris, PUF, 2001, 180 p.

MICHEL NARCY (org.), *Platon: l'amour du savoir*, (col. Débats philosophiques), Paris, PUF, 2001, 170 p.

O incessante crescimento dos estudos sobre Platão e sobre a filosofia antiga em geral é uma das características mais visíveis da historiografia filosófica contemporânea. A bibliografia sobre Platão, em particular aumenta com rapidez extraordinária, como testemunham os repertórios bibliográficos organizados primeiramente por Harold F. Cherniss e continuados por Luc Brisson. Várias explicações podem ser oferecidas a propósito desse interesse por Platão, Aristóteles e o pensamento antigo. Três, pelo menos, convém assinalar. A primeira decorre da própria atividade profissional da pesquisa na área acadêmica da Filosofia, para a qual a filosofia antiga oferece um campo aparentemente inesgotável de temas e problemas. Por outro lado, esse interesse acadêmico encontra estímulo na evidência de uma continuidade ideohistórica que nos une aos começos da Filosofia, formando como que uma cadeia que foi justamente denominada *philosophia perennis* e cujos primeiros elos articulam-se na filosofia antiga. Percorrer essa cadeia e remontar aos seus inícios impõe-se como tarefa

indeclinável a todo praticante da filosofia. Há ainda uma terceira razão, talvez mais decisiva. A filosofia contemporânea, de Kant até nós, constitui um universo extremamente complexo de correntes, de tendências, de paradigmas distintos e opostos do filosofar. Estamos diante, em suma, de uma multiplicidade de filosofias que tende a marcar o próprio termo “filosofia” com o caráter da equivocidade. Essa situação leva o filósofo a tentar definir uma certa identidade da Filosofia no seu objeto e nos seus métodos. Ora, o estudo da filosofia antiga, vem a ser, o retorno às fontes dessa forma original de saber que vem atravessando os séculos, parece oferecer-se como um dos caminhos obrigatórios na busca da identidade da Filosofia. Tal observação vale particularmente para Platão e Aristóteles, cuja obra forma reconhecidamente a matriz de todo pensamento posterior.

Essas breves reflexões ocorrem-nos a propósito dos dois livros sobre Platão que estamos apresentando. Trata-se de dois pequenos volumes escritos em colaboração e versando sobre dois tópicos fundamentais do pensamento platônico. Os coordenadores e colaboradores são conhecidos especialistas, assegurando assim o nível científico das contribuições.

O volume coordenado por Jean-François Pradeau é dedicado a estudar a questão das Formas inteligíveis, sem

dúvida o centro de toda reflexão filosófica de Platão. Eis as contribuições para esse tema: Jean-François Pradeau investiga a noção de *eidos* (pp. 17-50), Luc Brisson trata da noção de participação do sensível no inteligível (pp. 55-85), Walter G. Lezl interroga-se sobre as razões da hipótese das Formas inteligíveis (pp. 87-126), F. Fronterotta analisa a crítica aristotélica à noção de Forma (pp. 129-154). Finalmente, de Harold F. Cherniss (1904-1987) é traduzido um importante texto de 1936 sobre a economia filosófica da teoria das Idéias (pp. 155-176). Essa última contribuição é precedida de uma breve notícia sobre Cherniss e sobre a obra do grande *scholar* americano. O conjunto dos textos é precedido por uma densa introdução do coordenador, Jean-François Pradeau (pp. 7-16), que resume o estado atual das investigações sobre a teoria das Idéias. Por sua vez, a inspiração fundamental dos textos aqui reunidos segue a linha interpretativa proposta no artigo de Harold F. Cherniss. Rejeitando a crítica aristotélica da duplicação inútil do mundo sensível pelo mundo ideal, Charniss mostra que a natureza transcendente das Idéias é, para Platão, a única via para a solução das aporias do sensível. As idéias não estão, pois, separadas de um sensível abandonado a si mesmo mas tem como função explicá-lo. Nesse sentido, elas resultam de um procedimento epistemológico dotado de necessária significação ontológica. A posição de Cherniss, seguida em suas grandes linhas pelos outros colaboradores do volume, implica, pois, a rejeição de modelos de leitura da teoria das Idéias na historiografia recente, tais como a leitura neokantiana (Idéias como categorias *a priori*), a leitura analítica (Idéias como termos proposicionais), a leitura fenomenológica (Idéias como estruturas intencionais), a leitura hermenêutica (Idéias como procedimentos heurísticos), entre outros. Os três estudos de Pradeau, Brisson e Leszl são complementares, enquanto estu-

dam sob diversos ângulos a teoria das Formas: distinção entre a realidade inteligível em si e o *eidos* que determina o sensível (Pradeau), os modos de participação do sensível no inteligível com ênfase na doutrina da “semelhança” no *Timeu* (Brisson), a função crítica das formas na superação das ilusões do senso comum (Leszl).

Para Platão, o objeto do saber verdadeiro é a Idéia ou a Forma inteligível. O volume organizado por Michel Nancy trata do “amor do saber” (*philosophia*). Os textos por ele reunidos estudam o problema do saber à luz do conceito de *racionalidade*, analisado sob diversos aspectos. A introdução de M. Nancy (pp. 7-11) define o objeto do volume justamente como investigação sobre a *philosophia* como “amor do saber” fruto da razão. A contribuição mais longa é a de Yvon Lafrance (pp. 13-48) e expõe a racionalidade segundo Platão nas suas duas formas fundamentais: a racionalidade matemática e a racionalidade dialética. Em sua conclusão, Lafrance apresenta a superioridade da racionalidade dialética sobre a racionalidade matemática proposta como um desafio à filosofia contemporânea que, ao recusar os títulos de legitimidade da racionalidade dialética da tradição platônica, arrisca-se a ver toda a história da Filosofia como um imenso mito ou uma “grandiosa poesia conceptual”. Michel Nancy estuda (pp. 49-72) a resposta do *Teeteto* à questão “o que é a Ciência?”. Elsa Grasso (pp. 73-103) compara o saber platônico com sua contrafação, a sofisticada. F. Ildefonse (pp. 105-119) analisa uma passagem do *Político* sobre a classificação dos objetos, A. Séguy-Duclot (pp. 121-144) investiga o saber e o não-saber no *Parmênides*, e, finalmente, F. Fronterotta (pp. 145-168) avalia a interpretação neokantiana da teoria das Idéias.

Esses dois pequenos volumes oferecem, assim, um rico material aos estudiosos de Platão. O fato de que, embora com

matizes diferentes, a concepção tradicional da transcendência das Idéias tenha sido mantida nesses textos pode ser talvez interpretado como indício de que, além da motivação acadêmica, o estudo de Platão deva ser considerado um exercício da busca da identidade da Filosofia na nossa atual situação teórica.

Henrique C. de Lima Vaz
CES-BH

THEO KOBUSCH — BURKHARDT MOJSISCH (orgs.), *Plato in der abendländischen Geistesgeschichte*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997, 311 p.

Os organizadores dessa coletânea já haviam publicado, segundo os mesmos critérios e formato, um volume em colaboração sob o título *Plato, seine Dialoge in der Sicht neuer Forschungen* (Platão, seus Diálogos à luz das pesquisas recentes), do qual foi dada notícia em Nota bibliográfica da *Síntese* 76 (1977) 115-120.

A presente publicação é dedicada ao estudo de alguns dos mais significativos episódios teóricos da *Wirkungsgeschichte* ou história da influência do pensamento platônico, vem a ser, propriamente, do platonismo. Se aceitarmos o dito provocador de A. N. Whitehead de que toda filosofia ocidental são notas ao pé de página dos Diálogos de Platão, o platonismo se confundirá com a própria história da filosofia. Mas, sem chegar a tanto, há um platonismo específico, ou seja, a presença de idéias de origem platônica que nesse ou naquele momento da história inspiram estilos de pensamento, temas e problemas que podem ser denominados, com razão, platônicos. A alguns desses momentos são dedicados os estudos aqui reunidos.

Podemos dividi-los em dois grupos: estudos sobre o platonismo clássico,

que vão do médio platonismo à Renascença, e estudos sobre o platonismo moderno, do século XVII ao século XX. O conjunto dos textos é apresentado pelos organizadores numa Introdução (pp. 1-13) que acompanha o fio das diversas contribuições.

O estudo inicial é de autoria do conhecido especialista John Dillon (pp. 15-32), e estuda a evolução e os temas do médio platonismo (sécs. I a.C.–II d.C.), a primeira tentativa mais consistente, depois da Primeira Academia, de recuperação do platonismo original. O neoplatonismo está presente com um estudo de Dominic O'Meara (pp. 37-47) sobre “o mal em Plotino”. Ao platonismo cristão são dedicados os textos seguintes dessa primeira parte: A. Meredith (pp. 48-59) estuda o tema “Luz e trevas em Orígenes e Gregório de Nissa”; W. Geerlings (pp. 60-70) expõe a “Formação filosófica de Santo Agostinho” a partir da identificação dos *libri platoniorum* (Conf. VIII); o grande especialista do neoplatonismo, Werner Beierwaltes (pp. 70-100), interroga o sistema dionisiano e suas relações com o neoplatônico Proclo (“Dionísio Areopagita, um Proclo cristão?”); a renascença platônica do século XII é avaliada por John Marebom (pp. 111-119), e Carlos Steel (pp. 120-133) estuda, fixando-se na obra de Henricus Bates de Mechelen, as tendências platonizantes em fins do século XIII; os “Elementos platônicos e platonizantes na obra de Nicolau de Cusa” são investigados por Burkhardt Mojsisch (pp. 135-141); encerrando as contribuições sobre o platonismo clássico, Edward P. Mahoney (pp. 142-154) discorre sobre “Marsilio Ficino e o platonismo na Renascença”.

As contribuições sobre o platonismo moderno iniciam-se com o interessante estudo de Graham A. J. Rogers (pp. 155-169) sobre “Os platônicos de Cambridge e a nova ciência”. O Autor critica a tese de E. Cassirer sobre a pouca influência

e o pequeno significado do círculo platoniano de Cambridge na segunda metade do século XVII. Rogers mostra, ao contrário, a influência exercida por esse grupo, sobretudo por Henry More e Ralph Cudworth, sobre o movimento intelectual inglês da época

e sobre os representantes da nova ciência, em particular sobre Isaac Newton. Marcel F. Fresco (pp. 171-182) trata do platonismo no filósofo holandês do século XVIII, Frans Hemsterhuis. As relações sobre o platonismo e o idealismo alemão são estudadas por J. Halbwassen (pp. 193-209) com o texto "Idéias, Dialética e transcendência: sobre a interpretação de Platão por Hegel e Schelling", exemplificada na sua leitura do *Timeu*, e por Theo Kobusch (pp. 210-225), que apresenta "A filosofia dialógica de Platão segundo Schlegel, Schleiermacher e Solger". "Platão no neokantismo" é objeto da exposição de Helmut Holzhey (pp. 226-240). Finalmente, Otto Pöggeler (pp. 241-254) reconstitui "Uma grande querela em torno de Platão: Heidegger e Gadamer".

Uma ampla bibliografia (pp. 255-288) e índices nominal e temático encerram essa importante contribuição para o estudo da tradição platônica.

H. C. de Lima Vaz
CES-BH

W. J. HANKEY, *God in Himself: Aquinas's Doctrine of God as Expounded in the Summa Theologiae*, Oxford University Press, reprinted 2000, 196 p.

Em boa hora os Editores procederam à reimpressão dessa importante obra de W. J. Hankey. A partir de sua primeira edição (1987), o livro de Hankey tornou-se obra de referência nas discussões em torno das primeiras 45 primeiras questões da *Summa Theologiae*, que constituem o tratado tomásico sobre a

natureza da Teologia (*sacra doctrina*) e sobre Deus. Hankey oferece-nos um comentário penetrante dessas questões, apoiado em extensa informação histórica. A investigação avança através de grupos temáticos que são designados com expressões do texto de Tomás de Aquino. Assim, o capítulo inicial sobre a estrutura da Teologia é intitulado *Sub ratione Dei* (pp. 19-35). O lugar da prova da existência de Deus no início do tratado (qu. 2, a, 3) é examinado sob a designação *Eadem via ascensus et discensus* (pp. 36-56). A perfeição de Deus e seus atributos (qu. 3-11) é estudada sob o título *Rediens ad seipsum* (pp. 57-80). Já o conhecimento divino e as operações são objeto do capítulo V (pp. 96-114), que leva o título *Intelligere est motus*. O capítulo sobre a teologia trinitária (qu. 26-43) tem como título *Relatio est idem quod persona* (pp. 115-135). Finalmente, o capítulo sobre a processão das criaturas a partir de Deus (qu. 44-45) tem como título *relatio ad Creatorem* (pp. 136-142).

Numa longa e documentada introdução (pp. 1-17), Hankey define o espírito e a direção da sua pesquisa. Trata-se de uma leitura das primeiras questões da *Summa* à luz do recente florescimento dos estudos sobre o neoplatonismo, sobretudo na Inglaterra e na França, e que traz consigo uma reavaliação e revalorização dos elementos neoplatônicos na obra de Tomás de Aquino. Dentro dessa perspectiva, o Autor justifica a escolha das primeiras 45 questões do texto tomásico, nas quais pode ser posto em evidência o esquema *exitus-reditus* e são mais frequentes as referências neoplatônicas no texto tomásico. Na Introdução, Hankey faz um balanço da literatura recente em torno da interpretação da Metafísica e da Ontologia de Tomás de Aquino. Embora realçando a presença do neoplatonismo nesse campo, Hankey adverte sobre o risco de uma visão unilateralmente neoplatônica do pensa-

mento tomásico, no qual a metafísica da existência tem primazia e prepondera a influência aristotélica. O capítulo conclusivo intitula-se, lembrando um dito de Bernardo Silvestre, “Sobre os ombros dos gigantes: algumas implicações filosóficas e teológicas”. A motivação, afinal, do estudo de Hankey é a relação Cristianismo-Helenismo nesse seu episódio maior que foi a teologia do século XIII e sua expressão em Tomás de Aquino. Seu livro é, sem dúvida, uma contribuição de primeira importância para a discussão desse momento extremamente importante da nossa história intelectual.

Henrique C. de Lima Vaz
CES – BH

MANFREDO A DE OLIVEIRA, *Desafios éticos da globalização*, São Paulo, Paulinas, 2001.

O novo livro de Manfredo Araújo de Oliveira, publicado por Paulinas, em 2001, e intitulado *Desafios Éticos da Globalização*, revela, em 333 páginas, a aguda percepção do Prof. Manfredo sobre os problemas sociais que marcam o nosso tempo, e mostra o quanto esse grande pensador, atento aos acontecimentos das várias esferas da vida social – economia, política, educação, direito, ciência e tecnologia, etc. – é capaz de pensar a diversidade sem perder de vista as perguntas que fundam eticamente a filosofia ocidental: quem é o homem? qual o sentido da existência? para onde caminha a humanidade? quais referências e critérios devem ser eleitos para se tomar as decisões necessárias de cada dia?

O tema do livro em questão já está presente no próprio título, trata-se de mostrar que o ponto de partida da Ética é a vida mesma, a realidade humana e, em nosso contexto específico, a realidade humana diante dos desafi-

os da globalização. Para abordar a temática, o Prof. Manfredo dividiu o texto em três partes: I – Liberdade e Ética; II – Globalização: novo desafio ético da humanidade; III – Ética e a nova problemática do Trabalho, da Educação e da Saúde na sociedade planetária. Ele inicia mostrando que a Ética não diz respeito apenas a alguns, mas sim a todos, na medida em que nossa condição humana nos exige, como tarefa permanente, a tomada de decisões nos mais diversos âmbitos da vida; a própria Ética, nesse sentido, em vez de ser pensada apenas como invenção humana, é definida como condição humana, pois se torna o lugar da viabilização da própria vida, o lugar onde se efetiva a conquista da humanidade por mulheres e homens vivendo em sociedades; numa palavra, a ética é o lugar mesmo da realização da **liberdade**. Portanto, quando o filósofo fala de Ética, não a põe em um lugar qualquer, simplesmente ao lado de outros temas da filosofia, mas, sim, em um ponto para onde convergem todos os temas filosóficos. Nas palavras do Prof. Manfredo:

“A ética emerge como reflexão crítica destinada a tematizar os critérios que permitam superar o mal e conquistar a humanidade do homem enquanto ser livre. Sendo assim, ela é mediação para a humanização do ser humano, para a efetivação de um mundo humano enquanto mundo que torna a liberdade efetiva. Seu objetivo fundamental é, então, estabelecer os marcos nos quais é possível configurar, em um mundo humano, subjetividade e intersubjetividade, enquanto espaço efetivador de liberdade. O que é buscado, acima de tudo, são critérios que permitem aos seres humanos conduzir suas vidas com a dignidade que os constitui como seres chamados à liberdade” (p. 10).

No nosso tempo, a palavra *globalização* se tornou a palavra-chave das Ciências Econômicas e Políticas para se pensar a

realidade social; assim, a Ética deve se fazer presente para realizar as mediações necessárias à efetivação da humanidade nesse novo contexto. Ora, confrontar os efeitos da mundialização da Economia, do Direito e da Política com a Ética, levando em conta todas as muitas conseqüências decorrentes desse processo, exige uma análise cuidadosa do que hoje, corriqueiramente, chamamos *globalização*. E o Prof. Manfredo realizou com maestria essa tarefa. Isso quer dizer que nós, leitores, podemos, com este novo livro, compreender melhor o que significa Ética e Globalização e, ainda, por que os processos que instalam a globalização exigem, em contrapartida, uma Ética também global; isto é, uma Ética que possa transpor as fronteiras nacionais, da mesma forma que a globalização transpõe, para ser capaz de dar conta de seus desafios. Mas, vale chamar a atenção para o fato de que o Prof. Manfredo não apenas constata a necessidade de uma Ética mundial voltada para um mundo globalizado, mas se propõe, como filósofo, a legitimá-la e validá-la racionalmente como uma Ética universal. Portanto, ensina-nos o professor que não é porque há desafios globais a serem enfrentados, tais como a miséria mundializada de forma alarmante, a dimensão igualmente mundial dos problemas ecológicos, a violência étnica e religiosa, o esfacelamento da estrutura de trabalho etc., que surge a necessidade de legitimar racionalmente uma Ética global, mas a própria condição humana, que sempre se lança na conquista da liberdade, exige essa legitimação universal da Ética. Portanto, os atuais desafios do mundo globalizado põem em evidência a necessidade de uma ética mundial e de sua validade racional e intersubjetiva. E essa exigência está arraigada na própria condição humana.

Para uma breve apreciação dos desafios enfrentados pelo Prof. Manfredo, em

seu novo livro, vale a pena destacar um foco de sua análise que trata da relação entre Economia e Política. Ele mostra que a partir dos anos 30 do século passado e, especialmente, após a II Guerra Mundial, houve um processo de **politização da economia**. Isso significa que passou a existir uma regulação macroeconômica da sociedade por meio de políticas tributárias, monetárias e sociais; nesse sentido, a Política indicava os rumos da vida social, e esse modo de fazer política ficou conhecido no Ocidente como “as democracias de massa dos Estados de bem-estar social”. A partir dos anos 70, porém, começou a se fazer uma inversão nesse processo, ou seja, uma **substituição da política pelo mercado**, o que nos dá como conseqüência, atualmente, uma mercantilização de quase todos os âmbitos e processos da vida social. Deve-se notar que a substituição da política pelo mercado põe em risco – como talvez nunca antes tenha se dado na história da humanidade – a própria realização da liberdade humana enquanto tal. Com o comando do destino da humanidade transferido para o Mercado, os indivíduos têm de abdicar daquilo que constitui a própria humanidade do homem: a conquista da autonomia; ou seja, o fazer-se a si mesmo em sociedade, a capacidade de dar a lei que viabiliza a vida social para si mesmo. E onde a liberdade não pode ser realizada não há Ética e, conseqüentemente, não há humanidade. O Prof. Manfredo sustenta que, sem o espaço para a realização da Ética, ocorre a desumanização do homem. A Política que, desde *A República* de Platão, era o lugar da efetivação da humanidade, tornou-se refém do mercado: nos atuais tempos liberais da economia, ela não tem mais a tarefa de configurar a vida coletiva, mas apenas de ajustar-se à economia, ou seja, de subordinar-se às forças mercantis.

Mas esse é apenas um lado da globalização, e o Prof. Manfredo Oli-

veira nos mostra que esse estado funesto de coisas, que impossibilita a realização da Ética no contexto neoliberal, é apenas a dimensão mais evidente do fenômeno da globalização. Nesse sentido, a primeira globalização é a da violência, em que o arbítrio e o poder tomam o lugar do Direito; é uma dimensão da globalização diretamente atrelada aos interesses hegemônicos e excludentes do capitalismo neoliberal. Em se tratando, porém, da dimensão positiva da globalização, aquela que mundializa a solidariedade e a cooperação, nosso Autor nos chama a atenção para a necessidade de formar as pessoas e as sociedades nessa direção; daí as exigências e demandas para a Educação em nossa época serem fundamentalmente de ética. É hora de substituir, na educação formal, a mera *instrução* pela *formação* que instrui para a liberdade e para a cidadania; portanto, também é hora de rever currículos e mudar a escola. A escola deve estar preparada para desenvolver nos indivíduos a capacidade de descobrir a humanidade na própria condição humana, como nos diz Manfredo:

“O ser humano se revela, assim, como permanentemente para além do simplesmente dado, a direção de um horizonte mais vasto. Ele está sempre em um mundo, mas não está preso a ele, e a pergunta o situa na esfera do aberto, da tarefa constante de sua autoconstrução (...) O verdadeiro chão da vida humana é o espaço da possibilidade de um futuro a ser construído a

partir do mundo histórico que o gerou: o ser humano é, sempre, dado e tarefa, necessidade e liberdade” (p. 280).

A Educação precisa, urgentemente, assumir como seu objetivo fundamental o de suscitar nas crianças e adolescentes o ético desejo de ser livre, que, no mundo globalizado, conduz à solidariedade e à cooperação. Daí porque uma escola baseada simplesmente na instrução não é capaz de realizar essa tarefa.

Os desafios éticos de nosso tempo nos mostram que, se não nos mantivermos ligados à Vida como *Princípio*, poderemos caminhar para a autodestruição. A consciência ético-ecológica que emerge atualmente já nos mostra que isolados somos mais fracos, sem cooperação enfraquecemos e adoecemos e, quando não somos solidários, morremos. O outro lado do fenômeno da globalização, aquele que revela a nossa existência na forma de uma grande teia de vida, mostra que dependemos do outro para sermos nós mesmos.

Por fim, resta-nos parabenizar o Prof. Manfredo Oliveira por esse novo livro, que nos chega, providencialmente, nesses dias em que a dimensão violenta da globalização, na forma de terrorismo internacional e guerra, mostra o seu poder de destruição e a extensão multifacetada do que nos ameaça, tornando o seu apelo ético tão imprescindível.

Custódio Almeida
UFCE